

Resiliência e educação: o enfermeiro em busca do saber**Resilience and education: the nurse in search of knowledge**

DOI:10.34117/bjdv5n6-078

Recebimento dos originais: 11/03/2019

Aceitação para publicação: 15/04/2019

Andreza Cavalcanti Vasconcelos

Mestre em Educação no Ensino de Ciências e Matemática pela Universidade Federal de Pernambuco -UFPE

Endereço: Rua Gonçalves Ledo, 1000 – Mauricio de Nassau. Caruaru –PE, Brasil

E-mail: andrezacavalcanti@hotmail.com

Gabrielly Laís de Andrade Souza

Mestre em Educação no Ensino de Ciências e Matemática pela Universidade Federal de Pernambuco –UFPE Caruaru –PE

Endereço: Rua João Gomes Pontes, Nº 02 – Vila Kennedy. Caruaru –PE, Brasil

E-mail: Gabriellylais18@gmail.com

Paulo Isaac de Souza Campos

Mestrando em Educação no Ensino de Ciências e Matemática pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE Caruaru –PE

Endereço: Rua São Pedro, Nº 115, Bairro: São Pedro, Belo Jardim –PE, Brasil

E-mail: Isaac.campos18@hotmail.com

Eryck Nascimento Magalhães

Residente em atenção ao câncer e cuidados paliativos –ASCES/UPE

Endereço: Rua Bahia, 171, Divinópolis, Caruaru-PE, Brasil

E-mail: erycknmagalhaes@hotmail.com

Daniela de Aquino Freire

Mestra em enfermagem –UPE

Endereço: Rua Arnóbio Marques, 310, Santo Amaro, Recife-PE, Brasil

E-mail: daniela_3439@hotmail.com

Sâmara Aline Brito Brainer

Mestranda em Educação em Ciências e Matemática pela Universidade Federal de Pernambuco

Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Endereço: Rua 16 de outubro, número 12 - Bairro Kennedy, Caruaru – PE, Brasil

E-mail: samara_aline06@hotmail.com

RESUMO

Este artigo se deteve a analisar vários autores e a abordar o tema a resiliência para a educação na construção do saber do enfermeiro, procurando emponderar-se de outros matizes que permitissem a articulação desse conceito relacionado ao desenvolvimento

humano, as interfaces contemporaneas da educação e o desenvolvimento do papel do enfermeiro enquanto docente, considerando-se que a ausência da resiliência afetam o estilo de vida das pessoas em consequência influencia no seu dia-a-dia, convida-se a fazer uma reflexão dos dilemas e das transformações, por meio deste estudo.

Palavras-chave: Resiliência, Educação, Enfermeiro educador.

ABSTRACT

This article has focused on analyzing various authors and addressing the issue of resilience to education in the construction of nurses' knowledge, seeking to empathize with other nuances that allow the articulation of this concept related to human development, contemporary interfaces of education and development of the role of the nurse as a teacher, considering that the absence of resilience affect the way of life of the people as a consequence influence in their daily life, invites itself to reflect on the dilemmas and the transformations, through this study.

Keywords: Resilience, Education, Nursing educator.

1 INTRODUÇÃO

O termo resiliência tem origem do latim *resiliens*, significa saltar para trás, voltar ao estado natural. Este conceito foi citado ao campo dos materiais em física e em português, que significa “propriedade pela qual a energia armazenada em um corpo deformado é devolvida quando cessa a tensão causadora de uma deformação elástica; [...] resistência ao choque”. Em inglês, *resiliency* entendida como capacidade para se recuperar de choques, ferimentos e traumas; ou *resilience* que traz como capacidade que animais e plantas tem de se recuperarem rapidamente de danos (FARJADO, 2015). Neste contexto, observa-se uma ausência de consenso na maioria das definições, mas o enfoque permanece de forma convergente como capacidade de adaptação que o sujeito tem para passar por adversidades, estresses diante de um distúrbio com superação, otimismo.

Devido a palavra resiliência ser considerada numa perspectiva de construção dinâmica e multifacetada, envolvendo a interação entre áreas sociais e psíquicas com seus fatores protetores e de risco que facilitarão a pessoa ter uma vida saudável em meio a uma adversidade. Portanto, é considerada um método de construção interior que se fortalece com o tempo, baseado nas induções familiares, nos suportes sociais e de educação para encarar os obstáculos de todas as ordens. Segundo Souza, Almeida (2009) Qualquer pessoa pode tornar-se resiliente, desde que lhe sejam disponíveis os tutores de resiliência. Estes entendidos como um membro familiar, um vizinho, um professor, um amigo, ou quaisquer outras pessoas que venham “dar um suporte” a um sujeito traumatizado. Um simples gesto,

pode vir a ser um marco na vida desse indivíduo. E por este conceito envolver várias áreas de atuação como psicologia, enfermagem, física, educação, administração, esta será melhor contextualizada dentro das áreas de educação e enfermagem.

As mudanças na sociedade transformam o estilo de vida e a convivência do ser humano, muitas vezes exemplificado por incertezas e contingência, assim também é o ensino atualmente com suas novas exigências (TAVARES, 2001). Neste sentido, os imprevistos e as variações provocam reações de desequilíbrio, exigindo assim novas adaptações e resiliência não como um atributo pessoal mas consolidada na ação docente. Durante a vida escolar, em torno do contexto de sala de aula torna-se um modo desafiador para os professores, principalmente os iniciantes, a capacidade de enfrentamento nas situações práticas, com a imprevisibilidade, o imediatismo e a unicidade existentes dentro do cotidiano escolar. Voltando para a prática pedagógica em especial, o processo reflexivo na ação dos professores, formadores e aprendizes beneficiam mais que a busca de novas soluções lógicas e racionais para as dificuldades vivenciadas diariamente.

De acordo com Farjado, Minayo e Moreira (2010) existem docentes que apresentam maior objeção aos fatores agressores encontrados nas atividades práticas, inventando alternativas para supervisionar os desafios e responder às dificuldades, reagindo às adversidades e mostrando habilidade de recuperação das agressões sofridas, conseguindo, assim, minimizar seu estresse. Esses profissionais detêm características que fortalecem a resiliência. Corroborando com Souza, Silvia e Simão (2016), ao questionar que uma educação baseada no seguimento humano, focaliza sua atenção nos educandos e parte de situações de vida, de interesses comuns e decisões coerentes sobre a vida dos discentes. Nesta perspectiva, a aprendizagem e o ensino, conseguem ir além das paredes de sala de aula e ocupam uma área de aprender e trazer possibilidades de ampliar os objetivos nos estudos.

A pesquisa de Fonseca (2013) aponta que entre os trabalhadores brasileiros, 70% sofrem de estresse ocupacional e 30% são vítimas da Síndrome de *Burnout*, devido aos agentes estressores que precipitam sofrimentos subjetivos, tal como o estresse ocupacional. Isto causa impacto na qualidade de vida da população, tornando-se um grave agravo de saúde pública. De acordo com Proenci et al. (2017) esta síndrome é uma resposta a tensão emocional crônica gerada pelo contexto do trabalho, muito comum em profissionais da área da saúde, dentre estes, os enfermeiros.

Os enfermeiros assim como os professores exercem a sua atividade em ambientes de trabalho que contribuem para o aumento dos níveis de estresse, tais como: longas jornadas

de trabalho, recursos humanos escassos, exigências institucionais, relações de poder e hierárquicas extremamente demarcadas, exposição a agentes biológicos e químicos, entre outros. O estresse no trabalho relaciona-se a um processo temporário de adaptação integrante de sinais fisiológicos, físicos e/ou cognitivos. Conseqüentemente, a exaustão é interpretada como uma dimensão afetiva com características de cansaço e esgotamento de energia emocional (FARJADO, 2015).

Desse modo o estresse ocupacional não só tem impactos ruins na saúde mental e no bem-estar dos enfermeiros, docentes dentre outros profissionais, entretanto afeta também no desempenho e na qualidade da assistência ao paciente, para os professores, no ensino comprometendo sua organização (SILVA et al., 2016).

Compreendendo assim, a resiliência como resultado das crenças do indivíduo, e conduzindo-o à adaptação saudável diante das adversidades, situações de estresse e a uma experiência que implica amadurecimento e desenvolvimento, logo, todo indivíduo tem uma predisposição à resiliência, que pode ser desenvolvida ou não, a partir das vivências durante toda a sua vida.

Este estudo tem por objetivo realizar uma revisão integrativa da literatura acerca da temática resiliência e educação para a formação pedagógica do enfermeiro docente.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de natureza qualitativa, uma revisão integrativa da literatura. Esta baseou-se em pesquisas de livros e artigos publicados em bases de dados, cuja análise dos trabalhos teve seu foco em artigos publicados no período de 2001 a 2017, bem como em obras de autores consagrados no tema. Para a realização da busca foram indexados os seguintes termos: “resiliência”, “educação” e “enfermeiro educador”. Dos artigos e teses encontrados, 11 foram selecionados para a realização deste estudo. A pesquisa objetivou buscar e analisar os conceitos atribuídos à resiliência e educação pelos autores, bem como a relação destes com as experiências vivenciadas na disciplina de Inteligência emocional e educação humana.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 AS INTERFACES DA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA

A educação na contemporaneidade de acordo com Samaniego; Boufleur (2017) é o maior recurso de modificação e independência para todos e é por meio dela que se

constituem cidadãos sóciocríticos e atuantes no meio em que estão postos. No momento atual, também reina uma educação desmembrada, focada nos ensinamentos de questões banais e excessivas e na competitividade para o mercado disputadíssimo de trabalho. Entretanto, mesmo com esses avanços, a realidade da educação nacional baseia-se em docentes cada vez mais desanimados com as atividades do ensino, devido a fatores como a desvalorização do magistério e a tamanha complexidade encontrada nas salas de aula, com alunos cada vez mais desestimulados pelo ensino, devido também a problemas extra-escolares.

Segundo Farjado (2015) as escolas são vistas como empresas que prestam serviços à população e com elas caminham os contentamentos e os males. Dentre os contentamentos, encontram-se a alegria de ensinar, educar e contribuir para o crescimento e desenvolvimento e dentre os males observa-se a sobrecarga psíquica, pelo estresse ocupacional, em casos extremos, *burnout* traduzido como exaustão física, emocional e mental. Das insatisfações do docente a maior queixa são os baixos salários. Com a baixa valorização das atividades de ensino, a consequência é pouca dedicação, pela necessidade de mais de um vínculo empregatício, distância do ambiente de trabalho, dentre outras. Contudo, boa parte dos problemas na escola podem ser superados quando o ambiente muda para melhor.

Para encarar os desafios, descoberto nas unidades de ensino nos dias de hoje, torna-se necessário a instrução de um docente, denominado resiliente. Tavares (2001) descreve a resiliência, no seu ponto psicológico, como uma habilidade das pessoas, de forma individual ou grupal, resistirem a eventos adversos sem desfazer-se do seu equilíbrio inicial, isto é, a capacidade de se acomodar e de se reequilibrar, frequentemente.

Para Farjado (2015) a resiliência pode ser aprendida e adquirida após as experiências vivenciadas e isto deve contemplar estas seis etapas: 1- enriquecer os vínculos, o que acarreta fortalece-los entre outros autores e sua prática social; 2- efetuar e executar políticas e procedimentos escolares coerentes; 3- orientar habilidades para a vida, incluindo a superação dos conflitos, formas de superação, assertividade, comunicabilidade, e manejo ideal do estresse; 4- oportunizar apoio e afeto, modificando a escola para um lugar onde as pessoas tenham a sensação de pertencimento; 5- determinar e conduzir expectativas aumentadas e realistas, de forma que os docentes ajam como estimuladores dos discentes e colegas de trabalho, acreditando que o ambiente escolar poderá gerar bem estar para todos; 6- garantir oportunidades de participação significativa, ou seja delegar aos familiares, alunos

um percentual de cota de responsabilidade pelo que acontece na escola, oportunizando a solução dos problemas.

Neste contexto, além de proporcionar aos indivíduos ou grupos o auxílio para enfrentamento das adversidades, é ansiado que o indivíduo se beneficie ao aprender com as experiências, que devem crescer bons resultados para todos e que esses passos propiciaram um maior apego escolar, reconhecendo os benefícios que foram conquistados para o bem-estar e a melhoria na qualidade de vida.

3.2 FATORES PROTETORES E DE RISCO PARA DESENVOLVER A RESILIENCIA

Após análise sobre este tema e a observação da história da infância percebe-se os riscos e todas as espécies de estressores que se fizeram presentes em determinado tempo e lugar. Tavares (2001) relaciona os mecanismos de risco com os acontecimentos negativos e quando estes estão presentes podem ocasionar problemas físicos, emocionais e sociais. Alguns exemplos destes eventos são: o divórcio dos pais, as perdas de entes próximos, o abuso sexual/físico na infância, a pobreza, catástrofes e desastres naturais, guerras e outros traumas. Porém, estes riscos são indeterminados na história dos indivíduos e eles podem mudar de acordo com as circunstâncias de vida, depende de cada um.

Os riscos ainda assim, podem ser compreendidos como distal e proximal, o risco distal não é diretamente experienciado pela criança, exemplo situação econômica. E o proximal relaciona-se aos vários mediadores como famílias ausentes ou conflito entre os pais. Dessa forma os fatores de risco e proteção não podem ser descontextualizados, no final está presente um envolvimento social, histórico e coletivo. A verificação destes fatores possibilita envolver partes da realidade de um grupo social. É importante destacar que, por mais idênticas, as características de um grupo, podem não suscitar respostas semelhantes às de outro grupo, por isso todos os fatores ambientais precisam ser analisados (SILVA; ENUMO, 2016).

Pesquisas que abordam esta temática apontam ainda para os fatores protetores ou *buffers* que vão atuar em alguns momentos na vida do indivíduo durante seu desenvolvimento e em diversos contextos. Segundo Tavares (2001) esses mecanismos de proteção influenciam e modificam para melhor as respostas pessoais a determinados eventos de adaptações. Dentre estes mecanismos de proteção que facilitaram e colaboraram para minimizar a ocorrência, são: alteração da exposição a situação estressora; redução das

reações negativas; manter a autoestima e autoeficácia, apegando-se a relações seguras e criando oportunidades no sentido de buscar estratégias para melhorar. Neste contexto estes fatores podem não apresentar efeitos devido a ausência de um estressor, porque seu papel é mudar a resposta da pessoa a situações adversas.

3.3 A ENFERMAGEM E O DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES POSITIVAS

Trazendo este tema para a enfermagem um dos desafios a serem enfrentados pelos enfermeiros é a carga horária excessiva de trabalho, o fato de ter que conciliar as responsabilidades familiares (filhos, conjugues), a pouca qualidade de vida no sentido de não praticar exercícios físicos, não ter tempo para atividades de lazer e relaxamento, alimentação inadequada, qualidade de sono prejudicada, ausência de tempo para família. Estas situações quando ausentes aumentam o estresse, a insatisfação, refletem no desempenho do trabalho insatisfatório e em casos mais severos podem desencadear a síndrome de *burnout* pela falta de escape dessas situações estressantes (PROENCI et al., 2017). Neste caminho a qualidade de vida interfere diretamente na satisfação e na motivação tanto pessoal quanto profissional, no bem estar físico, social, mental e emocional.

Os enfermeiros e docentes trazem uma possibilidade de mudança nos rumos da prática profissional, quando o assunto é resiliência pelo fato de promoverem um profundo impacto tanto no campo da pesquisa quanto no cotidiano da prática destes profissionais. Não obstante, e característico de um conceito promissor, não pode-se olvidar que na área da saúde o conhecimento sobre resiliência é ainda incipiente e objeto de inúmeras indagações e muitos conflitos, especialmente no que tange aos aspectos conceituais e operacionais (SILVA et al., 2009).

BELANCIERI et al. (2010) ressalta que mesmo os fatores de proteção e de risco apontem características estabelecidas e certas, o indivíduo que convive com fatores de risco não deixa de ser resiliente, porém a maneira como relaciona-se com tais riscos é que orienta a proteção e a possibilidade, diante das adversidades, de ser resiliente. Neste sentido, a capacidade pode ser desenvolvida por meio das relações que estabelecem vínculos afetivos e de confiança. Embora, praticar a resiliência não consiste na pessoa superar todas as experiências traumáticas, esta característica pode estar presente em algumas situações e não em outras.

A resiliência passa a ser entendida como sendo um processo que considera múltiplos fatores, uma dinâmica que resulta na superação de situações adversas, em que se espera não

apenas a adaptação positiva do indivíduo, mas a sua transformação e a de seu meio. A forma com que a resiliência se apresentará, dependerá também de como as pessoas enfrentarão as adversidades (BELANCIERI et al., 2010). Embora este conceito possa ser abordado sob diversos pontos de vista, é consenso entre os pesquisadores do assunto que se trata de um intelecto atrelado a duas condições básicas: o enfrentamento de uma experiência contrária, capaz de gerar um impacto negativo sobre a saúde e o desenvolvimento humano; e do outro, a exteriorização de uma resposta positiva, apesar da agressão a que o indivíduo está exposto. (SILVA et al., 2009).

4 CONCLUSÃO

Acredita-se que a resiliência possa ser adquirida quando o indivíduo se ocupa da sua realidade e a modifica, alterando conseqüentemente, a si mesmo num momento de incerteza. Assim, quanto mais crise, mais resilientes precisamos ser. O domínio da resiliência depende da habilidade que cada indivíduo tem em reconhecer suas fontes de sofrimento escondidas dentro de cada um e assim buscar as mudanças necessárias que impulsionem novas direções e sentidos para viver.

Isso não significa que as pessoas não experimentarão uma situação de estresse, ou que não serão atingidas quando se depararem com alguma situação de crise. Pelo contrário, o sujeito resiliente conserva as marcas da adversidade que enfrentou, as quais estão presentes em suas lembranças, em seus sentimentos. Sua história permanece em sua memória, mas ele é capaz de se recuperar, porque encontra o suporte que o ajuda a prosseguir, por meio de estratégias positivas.

Observa-se que os profissionais de enfermagem e os docentes trabalham em situações vulneráveis ao estresse com sobrecarga de trabalho e que estes são mais expostos aos mecanismos de risco, por reconhecer que a sociedade exige respostas rápidas e bruscas de mudanças, é necessário potencializar também os novos contornos da formação inicial dos docentes inexperientes, para articular saberes compatíveis com a nova visão de mundo para que estes estejam preparados para desenvolver sua resiliência quando for preciso.

Para concluir, considera-se que o sujeito pode viver e crescer em muitos contextos diferentes: adversos, violentos, saudáveis ou quantos outros existam, mas ele se constrói de um jeito que pode ser chamado resiliente quando, além das adversidades, encontra interações positivas que o protegem.

REFERÊNCIAS

BELANCIERI, M.F; BELUCI, M.L; SILVA, D.V.R; GASPARELO, E.A. A resiliência em trabalhadores da área da enfermagem. Estudos de Psicologia, Campinas, v. 27, nº 2, p. 227-233, 2010.

FAJARDO,I.N., MINAYO,M.C.S., MOREIRA,.C.O.F. Educação escolar e resiliência: política de educação e a prática docente em meios adversos. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 18, n. 69, p. 761-774, out./dez. 2010.

FAJARDO,I.N. Resiliência e educação: exemplo das escolas do amanhã. 1 ed, Curitiba: Appris, 2015.

FONSECA, R.T.M. Saúde mental para e pelo trabalho. Saúde mental no trabalho: coletânea do fórum de saúde e segurança no trabalho do estado de Goiás/ Coordenação geral, Januario Justino Ferreira; Coordenação científica, Lais de Oliveira Penido. Goiânia: Cir gráfica, 2013. Disponível em: <<https://bibliotecaprt21.files.wordpress.com/2013/09/livro-saude-mental-no-trabalho-2013-prt18.pdf>> Acesso em 26 de maio de 2017.

PROENCI, C.C.; FERREIRA, W.S.S; VASCONCELOS, C.S.; DUTRA, D.A. Síndrome de Burnout em trabalhadores da enfermagem que são estudantes da graduação. Rev Saúde e Desenvolvimento. V.11, nº 6, p. 102-120, 2017.

SAMANIEGO, J.G.S.; BOUFLEUR, E.M. Resiliência e educação: como o professor e sua metodologia podem desenvolver habilidades de enfrentamento às adversidades .RevistaMagsul de Educação da Fronteira, Faculdades Magsul, v. 2, n. 1, p.221-250, Mar, 2017.

SILVA, A.M.B.; ENUMO, S.R.F. Teses e Dissertações Brasileiras Sobre Fatores de Risco e Proteção, Vulnerabilidade e Resiliência na Adolescência. Revista Brasileira Adolescência e Conflitualidade, Londrina, v. 14, p. 13-20, 2016.

SILVA, S.M.; BORGES, E.; ABREU,M.; QUEIRÓS,C.; BAPTISTA,P.;FELLI,V. Relação entre resiliência e burnout: promoção da saúde mental e ocupacional dos enfermeiros. Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental, v. 42, nº 16, DEZ.,2016.

SILVA, M.R.S.; SILVA, P.A.; DIAS, A.B.; MEDEIROS, G.L.; SILVA, B.T.; BOTELHO, L.R. Aplicação e implicações do conceito de resiliência na prática de enfermagem/saúde. CiencCuidSaude. v.8 (suplem.), p. 55-61, 2009.

SOUZA,R.; SILVA, V.L.S.; SIMÃO, V.L. O clube de ciências como espaço de (eco)formação e criatividade .Revista Dynamis. FURB, Blumenau, v. 22, n. 1, p. 74-85, 2016.

SOUZA, F.C.S; ALMEIDA, M.C.X. Resiliência e educação. Revista Educação em Questão, Natal, v.35, n. 21, p. 239-243, maio/ago. 2009.

TAVARES, J. Resiliência e educação, São Paulo: Cortez, 2001.